



Associação Conquistas da Revolução

Nº 17 | MARÇO 2017

Folha Informativa

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com

- 03 | *Variações sobre um livro de actas*
- 04 | *Transferir problemas não é descentralizar*
- 06 | *Evocação e Homenagem a Carlos Paredes*
- 08 | *Abril - O Grito da Liberdade*
- 10 | *Assim vai o Mundo...*

PRÓXIMA INICIATIVA:



ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA

O TROVADOR DA LIBERDADE

| 9 ABRIL 2017 - 16h **BARREIRO**
Auditório Municipal Augusto
Cabrã.

Com a participação de:

Vitorino, Janita Salomé, Samuel
e Nuno Tavares e o Grupo Jurídico de Canto e Guitarra de Coimbra.

EDITORIAL

PARA O FUTURO

Em Montemor-o-Novo foi festejado recentemente o 90º aniversário de António Gervásio. Participaram muitos amigos e camaradas, num excelente convívio e almoço. Ali estivemos, a representar a Associação Conquistas da Revolução, de que é associado e interveniente activo em sessões realizadas e no Congresso que dedicámos a Vasco Gonçalves.

Desde a clandestinidade às prisões, desde a saída de Peniche à conquista da reforma agrária, e até hoje, tivemos dele a mesma frontalidade, uma personalidade intensa e marcante. Jovem, muito jovem, entrou na luta pelos direitos laborais, políticos e sociais, contra a exploração dos trabalhadores e do povo. A luta pelas oito horas nos campos do Alentejo, os dias difíceis da sobrevivência até como fotógrafo, com aquele caixote que era máquina de retratos e levava Avantes lá dentro, os episódios imensos da sua vida estiveram sempre presentes nos anos e anos de antes e depois da Revolução de Abril.

Neste aniversário, no que ouviu e no que disse, foi sereno e afirmativo a apontar o futuro.

PARTICIPE!

“Quando éramos presos, só tínhamos um objectivo: era sair dali logo que pudéssemos, para regressar ao trabalho na clandestinidade”. Depois, no final da intervenção, deixou-nos a maior herança de toda uma vida e exemplo: “O que interessa é olhar em frente e lutar”.

Homens assim merecem a nossa admiração e camaradagem. Em 19 de Fevereiro, evocámos Carlos Paredes e sentimos como ele continua a influenciar os jovens que tocam guitarra portuguesa, viola, piano, violino, cravo ou cantam. É isso, o futuro

sempre aberto e exemplar, na sua música, na sua simplicidade complexa, de homem generoso e forte. Marcar a vida e os caminhos a trilhar. Como fez Adriano Correia de Oliveira, que agora trazemos aos olhos e ouvidos de todos os que estão acordados e querem continuar Abril e o que é necessário defender e conquistar.

Três homens, três exemplos que nos marcam, completam e tornam mais solidários e abertos para enfrentar as dificuldades e lutar pelo futuro que eles sempre apontaram e que ajudam a construir.

Modesto Navarro
Vogal da Direcção da ACR



Associação Conquistas da Revolução

O vosso contributo financeiro é indispensável para a actividade da Associação!

PAGUE A SUA QUOTA!

TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA

NIB 0035 2178 0002 9245 6304 6

ou DEPÓSITO

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

2178 0002 9245 630

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com

Sugere-se a visita ao blogue e site da ACR onde são publicados todos os comunicados e noticiadas as iniciativas da Associação.

www.conquistasdarevolucao.pt

Manuel Begonha*Presidente da Direcção da ACR*

Variações sobre um livro de actas

Um ex-presidente da República, já consolidadamente impopular, resolveu pôr-se em bicos de pés, para tentar alcançar um mais benévolo julgamento da história.

Para tal, escreveu um livro, à semelhança de um livro de actas, no qual faz ataques ao carácter bem como julgamentos moralistas a políticos que com ele trabalharam, a partir de conversas ocorridas sobre assuntos no âmbito da sua função institucional.

Tais matérias deveriam ser objecto de reserva e confidencialidade que respeitassem as pessoas envolvidas.

Sonsamente, vai atacando o actual governo, criticando o Presidente da República e o acordo parlamentar existente.

Julga assim, pateticamente, dar um reboque à desinspirada e atordoada oposição, empenhada em lançar a poeira tóxica do mau perder, sob a cristalina realidade que são

os resultados económicos positivos do actual governo.

Quando se torna analista e se dedica à política politiqueira, utiliza uma adjectivação que revela despeito, quando não uma intenção vingativa.

Demonstra que apesar do lugar que ocupou durante tantos anos, embora eleito pelo povo, pouco aprendeu, atolando-se nos mais fedorentos lamaçais da intriga política.

Revela-se ainda egocêntrico, vangloriando-se de ter prestado inestimáveis serviços ao país, e declarando-se detentor de uma elevada fibra...moral(?).

No entanto é o mesmo homem que se diz desconfiado das intenções e das aparências, mas que dissimula factos que inquestionavelmente foram altamente prejudiciais a todos nós.

Transferir problemas não é descentralizar

Portugal é um dos países mais centralistas da Europa. O Poder Central dispõe e gere mais de 92% dos recursos financeiros do Estado, sendo aquele valor resultado de políticas de reconcentração de receitas em desfavor do Poder Local Democrático.

Portugal precisa de uma verdadeira reforma descentralizadora. Um sério processo de descentralização do Estado e o reforço da autonomia do Poder Local seriam factores determinantes para um melhor Estado, para a redução das assimetrias entre Regiões, para melhores condições e qualidade de vida dos cidadãos, em particular, dos que vivem no interior e aqui no Alentejo.

O Governo anunciou o propósito de desencadear um processo de descentralização inserido numa reforma do Estado. Não são as palavras nem as intenções que definem políticas mas sim o seu conteúdo concreto e as suas consequências previsíveis.

Transferir competências não é sinónimo de descentralização. Saudar o anúncio de uma “descentralização” do Estado tomada em abstracto, pode ser prematuro. Infelizmente, exemplos não faltam.

O anterior Governo PSD/CDS anunciou uma “reforma do Poder Local” onde afirmava objectivos de descentralização, de proxi-

midade, de coesão social e territorial. Na prática, avançou com uma contra-reforma para liquidar o Poder Local Democrático nascido da Revolução de Abril, onde:

- Cortou enormes verbas ao Poder Local, prosseguiu a reconcentração das áreas apetecíveis aos negócios privados (resíduos sólidos, água, saneamento, etc.), procurou sim desconcentrar problemas com que a administração central e o Governo se vêm confrontados pelas populações (processo de municipalização);
- Reduziu a proximidade e a representatividade das populações ao liquidar 1.100 freguesias;
- Incrementou os desequilíbrios sociais (exemplo maior, o enorme aumento da pobreza) e os desequilíbrios territoriais (por exemplo, incrementou a litoralização do país).

Antes, um Governo PS avançou com um processo dito de “descentralização” que se traduziu, por exemplo, em contratos de execução na área da educação que levaram à maior perda conhecida de trabalhadores, assistentes operacionais, nas escolas, estando a maior parte destas em situações de ruptura. Boa parte destes contratos foram já denunciados pelos Municípios ou têm-se



mantido fragilmente, com pesados custos municipais, para evitar males maiores às comunidades educativas.

O histórico mostra uma tendência para que se anuncie “descentralização” mas se concretize com processos de desconcentração (pondo em causa a autonomia local e os serviços públicos) e desresponsabilização do Governo e da administração central.

O que resulta da análise desta proposta de Lei?

- Ignora por completo o melhor e mais eficaz instrumento disponível para concretizar, democraticamente, a descentralização: a **criação das Regiões Administrativas**, eleitas por sufrágio universal;
- Esquece os recursos financeiros.

Ora, **transferência de competências subfinanciada porá em causa a autonomia financeira local** e significará, de facto, a transferência de problemas do Poder Central para o Poder Local e a desresponsabilização do Poder Central;

- A municipalização de sectores e o sub-financiamento das competências transferidas levarão a respostas crescentemente desiguais. Os municípios de maior capacidade económico-financeira reafectarão verbas e irão camuflar problemas. Os restantes municípios não terão capacidade cabal de resposta. Crescerão as diferenças entre territórios mais ricos e mais pobres; **acentuar-se-á a desigualdade regional penalizando as zonas rurais e do interior**. Teremos mais desequilíbrio regional, mais despovoamento do interior e mais litoralização, teremos maior desigualdade entre os cidadãos no acesso a serviços públicos essenciais e nas condições e qualidade de vida.

Fazer de conta que se descentraliza terá graves consequências para as populações, para as regiões e para o país. A luta por uma verdadeira descentralização vai continuar!

Carlos Paredes, Evocação e Festa de Amizade

Parte da intervenção de Fausto Neves em 19 de Fevereiro, n' A Voz do Operário.

Carlos Paredes teria cumprido, no passado dia 16 de Fevereiro, 91 anos de idade, roubados por doença terrível, que o separou da sua guitarra, primeiro, e depois da própria vida. De nós todos.

Herdeiro de uma insigne família coimbrã de executantes de guitarra portuguesa – filho de Artur, neto de Gonçalo e sobrinho-neto de Manuel – Carlos Paredes estudou piano, violino e teoria musical, por insistência materna, o que lhe veio dar uma consistência suplementar no desenvolvimento autodidacta dos seus estudos na guitarra portuguesa, herança da família paterna. Tendo-se mudado para Lisboa, fez os seus estudos liceais já na capital e iniciou a sua carreira profissional na função pública (1949) como administrativo do Hospital de S. José. Nessas suas andanças fez caminho com outros artistas e intelectuais da oposição ao fascismo português, donde releváramos, pelo exemplo de fusão de artes e de frentismo cultural oposicionista, a concepção da intervenção pela arte global, soprada por Lorca e tão bem desenvolvida por Lopes- Graça e pela eternamente efémera Manuela Porto: entremeando as proibidas “Heróicas” com as toleradas “Canções Regionais” do Coro da Academia

dos Amadores de Música (na altura Coro do Grupo Dramático Lisbonense) surgiam o Teatro, a Poesia e, aqui e ali, Carlos Paredes também.

Carlos Paredes foi militante do PCP. Denunciado à PIDE, foi preso em 1958. Cruelmente separado da sua guitarra durante ano e meio de cárcere viveu duros momentos na prisão. Saído da cadeia, foi expulso da função pública. Por vocação e pela força das circunstâncias, o anónimo funcionário público que nos tempos livres emprestava a sua arte a alguns serões musicais organizados por colectividades populares, passou a ter a sua actividade artística como fonte principal de vida – embora ainda tenha exercido as funções de delegado de propaganda médica. A sua fulgurante carreira nacional e internacional, o seu talento musical de criador e de intérprete de elite, através de uma virtuosidade técnica assombrosa, fazia dele um artista inigualável.

E a Festa de Abril chegou em 1974. Apanhou o guitarrista com uma carreira construída a pulso, com o seu extraordinário talento a vencer a má vontade do fascismo, da pequenez nacional e da sua própria timidez. Por incrível que pareça, a sua entrega



Na sua visão marxista do Mundo, o amor profundo pela sua guitarra incluía a contradição dialética entre o criador vulcânico e os limites opressores do cordofone, relação recomeçada a cada concerto, repartindo do novo limite conquistado no anterior, para o alargar um pouco mais longe ainda. Na boa tradição clássica não se distinguia em Paredes o compositor do intérprete, nem se vislumbravam os limites de cada um dos titânicos personagens que habitavam aquele homem bom, modesto e cumpridor das suas funções profissionais administrativas.

total à Revolução dos Cravos, apresentando-se por todo o país, da mais ilustre sala ao salão de festas popular mais modesto, e a sua reintegração na função pública – com regresso anacrónico ao serviço de Radiologia do Hospital de S. José – acabaram por travar a intensificação progressiva de gravações de discos e de trabalhos de criação, sugeridos pela década anterior.

A imensidão do trabalho cultural da Revolução de Abril absorveu-lhe completamente os tempos livres das suas funções profissionais. O CD “Espelho de Sons” apareceria a público apenas em 1988, dois anos após a sua reforma, ordenando vários originais que fora desenvolvendo em público na azáfama de 14 anos de vida democrática, nos fluxos e refluxos de Abril.

Homem que se transfigurava em palco na volúpia do gesto, no sentir da dor dos gemidos ou da opulência sonora da guitarra. Mas que tinha pelo trabalho, fosse ele qual fosse, um respeito apenas ao alcance do pensamento marxista. E esta talvez seja a chave para percebermos o regresso feliz de Paredes, após o 25 de Abril, ao seu posto na Radiologia do hospital de S. José.

A sua serenidade de conversa e audácia visionária de palco acompanha-nos. O portuguesismo da sua guitarra, pelos seus dedos, atingiu a universalidade. Para nós, a sua guitarra chama-nos à terra “Em memória de uma camponesa assassinada” para construirmos o Universo de “movimento perpétuo”.

Abril

O Grito da Liberdade

Nós, militares de Abril, comandados na madrugada libertadora, meninos homens que nunca foram meninos, vindos das azáfamas do campos onde o trabalho, por vezes, minguava, mas em contrapartida aumentava a fome, ou das fábricas de trabalho duro e marcadamente explorador, tínhamos cá dentro o nosso grito contido que vinha de fora, dos nossos pais, herdeiros dos servos da gleba, explorados pelos grandes senhores da terra e oprimidos por uma política fascista e por uma igreja desajustada e apoiante, que depois de uma vida de trabalho nada tinham de seu, nem as necessidades mais básicas ou do grito que nos ecoava cá dentro daqueles que resistiam nas prisões, não do grito enquanto torturados, mas do grito que lhes chegava como se viesse de fora para dentro, pela dignificação de um povo.

Nós que víamos os nossos camaradas de armas morrerem ou ficarem estropiados para o resto da vida, numa guerra injusta contra povos também nossos irmãos no grito de liberdade, embora, nessa madrugada libertadora tivéssemos tido algum medo, mas o grito contido, que já tanto tardava, foi mais forte.

E o povo saiu à rua com seu legítimo grito que fez com que se desenvolvessem as lutas pelas Liberdades mais elementares e as conquistas da revolução que lhes sucederam, contra aqueles que tinham usufruído das políticas do medo e da opressão e de uma igreja sempre atenta, com medo de perder os seus privilégios à mesa recheada e opulenta dos opressores que agora se queriam sentar à mesa das decisões, como grandes democratas, defensores do povo, com programas políticos,





feitos à pressa, onde diziam que lutavam por uma sociedade sem classes, tendo em vista o Socialismo, que descambou, entre outras injustiças e poderes ocultos, na corrupção das duvidosas ligações entre políticas e “interesses económicos” que nada têm a ver com o povo que trabalha.

E aqui cito Vasco Gonçalves: “Essa gente é o que é e eu sou membro do Movimento das Forças Armadas”

Mais tarde, o grito dos comandados pela força que o povo em luta lhes deu, também foi ouvido dentro dos quartéis e nas suas assembleias, durante, principalmente, os 427 dias luminosos de esperanças que jamais na sua vida o nosso povo tinha tido, de reformas e conquistas nos governos de Vasco Gonçalves que ficarão na história.

Não foi fácil alcançar essas conquistas que, mesmo antes do 25 de Novembro de 75, já vinham sofrendo alguns recuos, mas o grito continuava cá dentro e agora ouvia-se e ouve-se nas ruas resistindo contra aqueles que nos querem convencer que devemos estar agradecidos ao capital, cá de dentro e lá de fora, porque, segundo eles, é o capital que cria postos de trabalho e que não o podemos “ofender” caso contrário

não investem, tal como na gleba, herdeira da escravatura. Mas o potencial do Povo Português sairá vitorioso.

E aqui cabe citar novamente Vasco Gonçalves: “Fui simplesmente o que me impunha a minha consciência e a minha formação de militar e de cidadão solidário com o seu povo. O futuro com que sonhei não é cada vez mais saudade, é sim, cada vez mais, necessidade imperiosa. ASSIM O POVO O COMPREENDA”.

O grito dos desempregados, o grito dos que trabalham e mesmo assim não conseguem ser cidadãos dignificados, o grito dos injustiçados e o grito dos jovens far-se-á ouvir, embora com armas desiguais. Eles clamarão, sempre, nas ruas, nos seus sindicatos e nos seus locais de trabalho: **ABRIL VENCERÁ!**

E ao juntar o meu grito ao deles, vou relembando o poema do Chico Buarque:

“...Foi bonita a festa, pá

fiquei contente

‘inda guardo renitente, um velho cravo para mim...!

Manuel Carvalho
Vogal da Direcção da ACR

Assim vai o Mundo...

Enquanto se distrai a opinião pública com todo o tipo de verborreia sobre as diatribes de TRUMP, a NATO vai continuando a colocar no terreno as suas forças na Europa, do Báltico ao Mar Negro, em posição de cerco à Federação Russa, em cumprimento dos planos elaborados na era Obama com a cumplicidade dos seus aliados europeus, como se nada tivesse mudado. E, de facto, nada mudou. Só o folclore político e o risco acrescido para a humanidade que a insanidade dos títeres sempre acarreta.

O estado de pré-guerra na Europa está criado:

- Manobras militares da NATO na Polónia, envolvendo forças militares de grande dimensão em homens e equipamento, dos USA e de outros países da NATO;
- Manobras no Mar Negro, envolvendo forças militares da Roménia, Bulgária, Grécia, Turquia, Canadá, USA e Ucrânia;
- Reforço do dispositivo na Polónia, Estónia, Letónia e Lituânia, na Ucrânia e no Mar Negro;
- Na Ucrânia a guerra voltou ao Don-

bass em Janeiro e o governo proto-fascista instalado em KIEV pelos EUA e pela UE dá mostras de não querer cumprir os acordos de Minsk, em particular a realização da reforma constitucional e consagração do estatuto especial da região do Donbass.

O conflito na Síria e as sucessivas vitórias das forças armadas sírias apoiadas por forças russas, vem demonstrando, com prova provada por testemunhos não refutáveis, os factos, a enorme mentira construída pelos “media” ocidentais em relação àquele conflito e o criminoso envolvimento dos EUA, de algumas potências europeias como a França e o Reino Unido, da Arábia Saudita, de Israel, da Turquia e outros, na manobra de desestabilização da região.

Israel continua a desafiar tudo e todos avançando com legislação para legitimar os colonatos em território palestiano e propiciar o seu alargamento. Enquanto o seu exército, ocupante ilegítimo do território palestiano, continua a matar. No Iraque, no Afeganistão, na Líbia,



Estados devastados pelas guerras a mando dos mesmos interesses que entretanto se banqueteam com o saque-regado pelo sangue de milhões de mortos-empurrando para a miséria milhões de refugiados.

É neste clima que a Europa, primeiro, e os EUA, agora com Trump, declaram guerra aos imigrantes/refugiados. Os europeus deixaram que o Mediterrâneo se transformasse no cemitério de milhares de seres humanos fugindo das guerras e da miséria que eles próprios instigaram ou mesmo fizeram. Trump, na mesma onda, de forma desajeitada, aponta primeiro o dedo aos árabes, dispara para todo o lado e volta a apontar, agora para o México e, sob o slogan “Ninguém se vai querer meter connosco”, propõe-se aumentar o orçamento do Pentágono em cerca de 10% e aumentar o orçamento da Segurança Interna e Justiça para reforçar o controlo das fronteiras e a imigração.

Aguardamos com expectativa o desenvolvimento da situação na América Latina e no Caribe, onde o imperialismo

mantém uma persistente pressão contra as soluções democráticas autónomas: na Venezuela conluindo-se com as oligarquias locais para o derrube do regime bolivariano, no Brasil apoiando os golpistas que derrubaram a presidente eleita Dilma Russef, em Cuba onde, apesar de alguns desenvolvimentos positivos nas relações diplomáticas entre os dois países, se mantém um criminoso e ilegal bloqueio económico.

O acordo de Paz na Colômbia, a libertação, no início deste ano, do porto-riquenho Óscar Rivera, preso nos EUA há 36 anos pelo único delito de lutar pela libertação da sua pátria, são sinais de paz que o Mundo espera não parem, mas são principalmente o corolário de uma luta tenaz e sem tréguas que os povos da América Latina têm travado em defesa do seu direito inalienável a decidirem sobre os seus destinos e não podem dissociar-se também do imenso prestígio internacional granjeado por Cuba socialista, na região e no Mundo.

José Baptista Alves
Vice-Presidente da Direcção da ACR



Adriano Correia de Oliveira

- O Trovador da Liberdade

Assinalamos dia 9 de Abril, no Barreiro, os 75 anos do nascimento de Adriano Correia de Oliveira, uma voz única da música portuguesa que, ao longo dos seus quarenta anos de vida, esteve sempre do lado da liberdade, da democracia, da justiça social, sempre ao lado do seu povo. Adriano Correia de Oliveira foi um dos autores mais marcantes da música de intervenção portuguesa e da canção de Coimbra. A sua voz ímpar distinguiu-se pelo timbre e pela clareza que, com enorme coragem, interpretou palavras de luta e resistência contra a ditadura fascista e acompanhou as muitas conquistas de Abril no período revolucionário.

No princípio da década de 60 foi o primeiro a levar às suas canções palavras incómodas para o regime, falando abertamente da Guerra Colonial.

A música é para Adriano indissociável do combate ao fascismo; militante do PCP desde 1960, já antes do 25 de Abril Adriano Correia de Oliveira levava a sua música a coletividades e associações populares, atuando em salas um pouco por todo o país, embora tenha ficado para

a história sobretudo a sua participação no histórico espetáculo do Coliseu dos Recreios, na companhia de José Afonso e outros, em 29 de março de 1974, onde se cantou a Grândola Vila Morena em coro.

Após o 25 de Abril de 1974, Adriano empenhou-se na educação cultural e política das populações, tendo integrado as campanhas de Dinamização Cultural do MFA.

O último espetáculo de Adriano Correia de Oliveira foi no Barreiro, numa iniciativa levada a cabo pelo Partido Comunista Português, uma semana antes de succumbir a uma hemorragia esofágica, a 16 de Outubro de 1982.

A título póstumo, Adriano Correia de Oliveira foi feito Comendador da Ordem da Liberdade (24 de setembro de 1983) e Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique (24 de abril de 1994).

Fica o legado de Adriano Correia de Oliveira para a cultura portuguesa e o seu empenhamento na construção de um Portugal democrático e na defesa das conquistas da revolução.

